

# **Estigma e Preconceito na epidemia de AIDS: um estudo de caso da "Gangue da AIDS" em Florianópolis, 1987**

*Natan de Oliveira Rezende<sup>1</sup>  
Camila Serafim Daminelli<sup>2</sup>  
Ismael Gonçalves Alves<sup>3</sup>*

**Resumo:** A pesquisa investiga o impacto do HIV/AIDS no Brasil durante a década de 1980, um período marcado pela desinformação e estigmatização de grupos sociais associados à doença, em especial, a juventude e a população LGBTQIAPN+. O objetivo principal do artigo é analisar como a falta de conhecimento e a reação midiática contribuíram para a marginalização de indivíduos portadores do HIV. A metodologia inclui uma revisão de literatura sobre as origens do HIV, suas formas de transmissão e as respostas sociais, além da análise de casos emblemáticos como o da "Gangue da AIDS" em Florianópolis, que evidenciam o estigma e a hostilidade enfrentados pelos infectados. Os resultados indicam que a desinformação levou a respostas sociais prejudiciais, reforçando preconceitos e dificultando o acesso a tratamentos. A pesquisa destaca a importância da educação pública e do combate ao estigma para uma abordagem eficaz no enfrentamento da epidemia.

**Palavras-chave:** HIV/AIDS; Estigma; Gênero; Juventude.

---

<sup>1</sup> Graduado em História e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico (PPGDS), da Universidade do Extremo Sul Catarinense, <https://orcid.org/0000-0002-7481-2648> e [natanlvr@unescc.net](mailto:natanlvr@unescc.net).

<sup>2</sup> Doutora em História, professora da Universidade do Extremo Sul Catarinense, <https://orcid.org/0000-0003-1893-1543> e [csd@unescc.net](mailto:csd@unescc.net).

<sup>3</sup> Doutor em História, professor da Universidade do Extremo Sul Catarinense, <https://orcid.org/0000-0003-3580-9101> e [iga@unescc.net](mailto:iga@unescc.net).

Estigma e Preconceito na epidemia de AIDS:  
um estudo de caso da "Gangue da AIDS" em Florianópolis, 1987.

REZENDE, N. O.

DAMINELLI, C. S.

ALVES, I. G.

# **Stigma and Prejudice in the AIDS epidemic: A case study of the "AIDS Gang" in Florianópolis, 1987**

**Abstract:** The research investigates the impact of HIV/AIDS in Brazil during the 1980s, a period marked by misinformation and stigmatization of social groups associated with the disease, especially youth and the LGBTQIAPN+ population. The main objective is to analyze how lack of knowledge and media reaction contributed to the marginalization of individuals with HIV. The methodology includes a literature review on the origins of HIV, its forms of transmission and social responses, in addition to the analysis of emblematic cases such as the "AIDS Gang" in Florianópolis, which highlights the stigma and hostility faced by those infected. The results indicate that misinformation led to harmful social responses, reinforcing prejudices and hindering access to treatments. The research highlights the importance of public education and combating stigma for an effective approach to tackling the epidemic.

**Keywords:** HIV/AIDS; Stigma; Gender; Youth.

## Introdução

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) surge como uma das doenças mais devastadoras do século XX, afetando milhões globalmente e desencadeando uma crise de saúde. Nas décadas de 1980 e 1990, o HIV/AIDS se espalhou amplamente, sendo considerado uma epidemia pela ONU<sup>i</sup> diante da qual a mídia brasileira desempenhou papel crucial na forma como a doença foi discutida e percebida.

No Brasil, o HIV/AIDS foi precocemente retratado como algo fatal, criando-se um clima de medo generalizado na sociedade. A mídia contribuiu para espalhar esses temores, com discursos que associavam a doença a comportamentos sociais e sexuais considerados fora do padrão, como o sexo sem proteção e o uso de drogas injetáveis, em especial, práticas difundidas entre culturas juvenis.

Esse estigma afetou particularmente a comunidade LGBTQIAPN+. Além de ser vista como um estigma dentro desse grupo, em algumas ocasiões e discursos a comunidade foi retratada como causadora principal da AIDS, tendo a doença sido atrelada a esses sujeitos. Exemplo dessa afirmação, pode ser verificado em uma nota do jornal *O Pasquim*, de São Paulo, em 1987. Um dos cronistas elabora um relato sobre a novela “Roda de fogo” (1987) e tenta trazer em tom irônico o papel do autor Cecyl Thiré, que atuava como um personagem LGBTQIAPN+:

*Se é da Globo, pode Só falta mesmo uma cena de homossexualismo explícito na novela das 8 do sistema global. O resto, o dr. Mário Liberato & o seu mordomo Jacinto já fizeram. Houve juras de amor, carícias indisfarçáveis, olhares lascivos, mensagens alucinantes. Cenas de ciúme. Só faltaram mesmo os entretantos. E, enquanto o ato não acontece, “Je vous salue Marie” continua nas prateleiras da censura. (Mas é claro que isto nada tem com o ótimo trabalho de Cecyl Thiré, que está tão perfeito no seu papel que é capaz até de pegar AIDS).<sup>ii</sup>*

Em escala nacional, os jornais da época guardam importantes registros históricos desse período. Suas reportagens, editoriais e opiniões refletiram não apenas a situação da epidemia, mas também as visões e mentalidades prevalentes na sociedade. A mídia não só informava sobre a doença e suas formas de transmissão, mas também contribuía para a disseminação de estereótipos e preconceitos.

A análise desses discursos revela como o estigma e o preconceito foram construídos e mantidos ao longo do tempo, influenciando não só os que viviam com HIV/AIDS, mas também moldando a percepção da sociedade sobre a doença. Essa associação da AIDS com comportamentos considerados "desviantes" contribuiu para a exclusão e o isolamento das pessoas afetadas, ampliando o impacto negativo da epidemia.

*A partir dos primeiros diagnosticados na década de 1980, viver com HIV/AIDS era sinônimo de uma prática sexual excessiva, desviante e desregrada. Essa construção social da AIDS, estabelecida à luz de conceitos preconceituosos e estigmatizantes, foi ancorada na moral dominante, patriarcal e heteronormativa da sociedade.<sup>iii</sup>*

Ao conectar esses pontos com a pesquisa proposta, é essencial destacar que, embora a mídia não tenha sido a origem de preconceitos como machismo, homofobia, transfobia e estigmatização da AIDS, ela desempenhou um papel central na amplificação e disseminação dessas ideias. A mídia funcionou como um espaço onde discursos autorizados sobre o HIV/AIDS eram legitimados, frequentemente reforçando visões preconceituosas já enraizadas na sociedade. Essa dinâmica permitiu que os estigmas fossem reforçados e naturalizados, consolidando a exclusão de grupos marginalizados. Portanto, ao analisar os discursos midiáticos da época, é possível compreender como a comunicação de massa serviu tanto como uma ferramenta de disseminação de preconceitos

quanto como uma arena onde autoridades sociais e culturais moldavam a percepção pública da doença e dos afetados por ela.

Dessa forma, entendemos de fundamental importância o exame crítico do papel desempenhado pela mídia na criação e perpetuação do estigma de viver com AIDS/HIV. Compreender como esses discursos foram moldados e difundidos é fundamental para enfrentar e superar os estigmas que ainda persistem em relação à AIDS e às comunidades que são afetadas por ela. A análise dos discursos veiculados pela mídia da época revela como o estigma e o preconceito foram perpetuados, afetando os indivíduos vivendo com HIV/AIDS e moldando as atitudes e comportamentos da sociedade como um todo. A associação da doença às perversões sexuais e a certos grupos sociais marginalizados contribuiu sobremaneira para sua exclusão e isolamento.

Ao longo deste texto, utilizaremos o arquivo documental da Hemeroteca Nacional para buscar reportagens da época que abordaram uma “gangue” de jovens do bairro Trindade, da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, denominados como a “Gangue da AIDS”. Trabalharemos especificamente com uma manchete do periódico *Correio de Notícias PR*, de 1987, a qual deu origem às inquietações e narrativa aqui desenvolvida. Nossa análise visa compreender as representações midiáticas do caso, bem como o contexto social e as reações públicas vinculadas ao pânico generalizado à situação, fornecendo uma visão histórica e contextualizada do estigma e do preconceito associados à AIDS naquele momento histórico.

Como aporte teórico, uma pesquisa quantitativa e qualitativa em artigos científicos que abordam a temática da “Gangue da AIDS” foi necessária para este trabalho, sobretudo textos que realizaram entrevistas ou que produziram outras fontes documentais, pois trazem um repertório de informações que podemos entrecruzar em nossa análise.

No que diz respeito à proposta da narrativa, nosso objetivo geral é investigar como o estigma e o preconceito em torno do grupo de jovens denominado como “Gangue da AIDS” (como um estudo de caso) foram manifestados durante a epidemia de AIDS e suas reminiscências. Para alcançar esse objetivo, analisamos as representações midiáticas do caso, explorando as percepções sociais e examinando as medidas das autoridades para compreender as consequências do estigma e do preconceito para os indivíduos que viviam com HIV/AIDS ou que eram afetados pelos temores sociais em relação ao vírus.

### **O que é HIV/AIDS: seu contexto global e nacional**

A década de 1980 foi um período crítico no cenário global de saúde devido ao surgimento e rápida disseminação do vírus da AIDS. Essa doença, causada pelo HIV (Vírus da Imunodeficiência Humana), suscitou temor e uma compreensão limitada, muitas vezes errônea sobre o vírus em todo o mundo, inclusive no Brasil. A falta de informação adequada sobre a transmissão e tratamento da AIDS resultou em reações sociais intensas caracterizadas por desinformação, medo e estigmatização sustentada pela homo/transfobia.

O HIV é um vírus que compromete o sistema imunológico humano ao longo do tempo, diminuindo a capacidade do corpo de combater infecções e doenças. Sua transmissão ocorre através de fluidos corporais como sangue, sêmen, secreções vaginais e leite materno, sendo mais frequente por meio de relações sexuais desprotegidas, compartilhamento de agulhas contaminadas e transmissão de mãe para filho durante a gravidez, parto ou amamentação. A infecção pelo HIV é uma condição crônica que necessita de tratamento médico contínuo para controlar o vírus e preservar a saúde do sistema imunológico.

Por outro lado, a síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) é uma etapa avançada decorrente do HIV, marcada por uma supressão severa do

sistema imunológico que torna o corpo vulnerável a infecções graves e câncer. A distinção primordial entre ambos reside no fato de que o HIV é o agente causador da infecção, ao passo que a AIDS representa a fase crítica dessa infecção pelo HIV. Graças aos avanços na terapêutica médica, muitas pessoas portadoras do HIV conseguem controlar a infecção e impedir sua progressão para o estágio da AIDS, resultando em vidas mais saudáveis e longevas mediante o devido acompanhamento médico.

Sendo associado a determinados grupos sociais, como homens homossexuais, usuários de drogas injetáveis e profissionais do sexo, o que contribuiu para a estigmatização dessas comunidades, a desinformação sobre como a doença era transmitida deu lugar a crenças equivocadas, como a ideia de que a AIDS poderia ser contraída por contato casual. Isso levou a atitudes discriminatórias e à marginalização das pessoas infectadas, criando um ambiente de medo e isolamento social.

Além disso, a falta de acesso a tratamentos eficazes e políticas de saúde pública adequadas exacerbou os impactos da epidemia, tendo a terapia antirretroviral (também conhecida como “coquetel”) surgido na metade de 1990, e distribuída gratuitamente desde 1996. O SUS veio a garantir o tratamento completo a partir de 2013<sup>iv</sup>. Muitos indivíduos diagnosticados com HIV/AIDS enfrentaram dificuldades para obter cuidados médicos adequados, tais como barreiras sociais significativas devido ao estigma associado à doença. Ou seja, mesmo existindo tratamentos, todo o processo de conhecimento, divulgação e compreensão do público-alvo era um sinônimo de repressão e julgamento.

*Fica evidente a sensação de apreensão frequentemente vivenciada pelos usuários em diferentes momentos do processo de testagem: na chegada à recepção, quando temem ser estigmatizados por consultar informações sobre o teste, e durante a espera pelo atendimento, temendo ser reconhecidos por amigos, colegas de trabalho ou familiares*

*que frequentam outros espaços do Centro de Saúde. O medo não estaria implicado apenas nas consequências fisiopatológicas de um resultado positivo e na ameaça da morte, fortemente associados à Aids, mas também na condição de “ser” um soropositivo.<sup>v</sup>*

No contexto brasileiro, como em muitos outros países, o desconhecimento sobre a transmissão do HIV/AIDS contribuiu para um ambiente de desinformação e ansiedade generalizada em relação à doença. Foi apenas a partir de 1997 que o governo começou a mobilizar recursos para a criação de campanhas preventivas já que havia pressão de pesquisadores, grupos militantes, homossexuais, pesquisadores interessados no assunto e ONGS como, por exemplo, o Grupo de Apoio à Prevenção da Aids (GAPA) que foi um dos primeiros grupos de apoio criados já em 1980.

*A pressão desses grupos no estado de São Paulo levou as autoridades governamentais a estabelecerem o primeiro programa para controlar a Aids no Brasil. Utilizando o Hospital Emílio Ribas como centro de referência, foi criado pela Secretaria de Saúde do estado de São Paulo um grupo de pesquisa de iniciativa do próprio governo, que permitiu a criação de diretrizes e protocolos para a implementação de medidas específicas para a aids, que posteriormente possibilitou a criação do Programa de Aids de São Paulo.<sup>vi</sup>*

Esse período inicial da epidemia foi caracterizado por uma resposta social complexa e muitas vezes prejudicial, destacando a importância da educação pública, do acesso a tratamentos e do combate ao estigma para enfrentar eficazmente o HIV/AIDS. A trajetória do HIV/AIDS no Brasil ilustra como uma abordagem ampla e fundamentada em ciência irá impactar positivamente a luta contra uma doença devastadora.

## A "Gangue da AIDS" em Florianópolis

Um caso emblemático ocorreu em 1987 em Florianópolis. Um grupo de jovens denominado "Gangue da AIDS" foi noticiado em diversos veículos de informação como *O Estado*, *Diário Catarinense*, *Folha da Tarde*, entre outros, mas também analisado na pesquisa de dissertação de Amorim (2009)<sup>vii</sup>, que traz à tona questões complexas sobre estigma, preconceito e controle social relacionados ao HIV/AIDS. Corria o ano de 1987, mais precisamente no dia 21 de outubro, quando o jornal *O Estado* estampou em sua capa a matéria intitulada "Pacto da morte", divulgando um suposto fato ocorrido no bairro Trindade, em Florianópolis. No dia seguinte, o *Diário Catarinense* noticiou em tom alarmista a existência de um grupo envolvido nesse "pacto", que ficou conhecido como "Gangue da AIDS". Essas acusações, que sugeriam que os jovens estariam espalhando deliberadamente o vírus HIV por meio de seringas contaminadas e relações sexuais desprotegidas, não apenas alimentaram o medo e o pânico na sociedade, mas também desencadearam uma série de respostas que evidenciaram os estigmas profundamente enraizados em relação a certos grupos sociais. O episódio, amplamente noticiado pelos jornais locais durante três meses, envolveu diretamente os moradores do bairro e refletiu como a construção midiática intensificou o preconceito em relação àqueles associados ao HIV/AIDS.

No trabalho intitulado "Sentimentos relatados pelos trabalhadores da saúde frente à epidemia da AIDS (1986-2006)", Villarinho e Padilha ao investigarem sobre o tema por meio de entrevistas afirmam:

*Teve na época, um caso muito conhecido, que gerou muita discriminação, preconceito e que a população caiu em cima. Foi de um grupo de jovens que compartilhavam agulhas contaminadas com sangue, em festas no condomínio em que moravam, era no bairro Trindade. Este caso ficou muito conhecido pela mídia, lembro que chamavam de "Gangue da AIDS", saiu até nos jornais. E os pais dos jovens, que moravam*

*nas proximidades, por influência negativa da mídia diziam que aqueles depravados tinham que sair do condomínio. E, quando a mídia descobriu que essas pessoas vinham colher sangue aqui, vieram jornalistas do Brasil inteiro, foi uma loucura (TE4).<sup>viii</sup>*

O caso da "Gangue da AIDS" ilustra como o estigma pode levar a respostas extremas e injustas, especialmente quando a falta de conhecimento e a desinformação predominam. A acusação de disseminar o vírus deliberadamente gerou um clima de desconfiança e hostilidade em relação aos membros desse grupo, resultando em discriminação e até mesmo violência. Amorim vai relatar em sua dissertação, com detalhamento, os envolvidos, ao analisar o caso a fundo nas matérias de jornais da época. A autora diz ser um caos protagonizado por vários personagens, mas tendo como ponto de partida uma mulher:

*Márcia Regina Corrêa da Silva, 18 anos, natural de Canoas (RS) e, que no início do ano de 1987 fora trabalhar como manicure em um hotel da praia Mole (na ilha de Florianópolis), iniciando uma rede de amizades e uso de drogas, culminando na sua prisão em 19 de outubro de 1987. Acusada de furto pelo casal Rosângela Corrêa da Silva Lima e João Machado da Silva Lima Neto, em cuja residência ficou hospedada por alguns meses, Márcia Regina teria forjado o roubo e a acusação, fato que deu início e fez desenrolar uma trama policial envolvendo drogas, prostituição e AIDS.<sup>ix</sup>*

A reação da sociedade diante desse caso revela a interseção entre o estigma associado a AIDS e outras formas de preconceito, como a homofobia, que embora não seja citada na matéria, era reforçada pelo medo geral em relação ao contágio e a formas de existências divergentes do padrão heteronormativo. A "Gangue da AIDS" foi estigmatizada não apenas por suas supostas práticas de transmissão do vírus, mas também por sua identidade e estilo de vida, reforçando a ideia de que a doença estava ligada a comportamentos considerados

desviantes pela sociedade. A designação "gangue", claramente pejorativa, se soma à ideia de "pacto", que permearia as práticas dos indivíduos envolvidos:

*A gaúcha, que denunciou o pacto, em seu depoimento no DEIE de Santa Catarina, contou que no final do ano passado foi para Florianópolis, onde conheceu o casal João Machado e Rosângela Correia, com quem passou a morar no apartamento 821 do edifício Helsique no bairro de Trindade, em Florianópolis. Segundo ela, o local era frequentado por viciados e traficantes de cocaína e todas as noites ocorriam sessões de coca, o mesmo acontecendo no apartamento de Patrícia de Oliveira.<sup>x</sup>*

A construção do caso da "Gangue da AIDS" também revela aspectos sobre o imaginário urbano e a forma como certos bairros se tornaram associados a comportamentos considerados marginais. O bairro Trindade, onde se situavam os apartamentos envolvidos, já carregava a conotação de espaço juvenil e universitário, frequentemente vinculado ao consumo de drogas e festas. Tal narrativa é reforçada quando se descreve as atividades dos protagonistas, consolidando uma imagem negativa do local. Além disso, a nomeação pública dos envolvidos, como João Machado, Rosângela Correia e Patrícia de Oliveira<sup>xi</sup>, contribui para a estigmatização dos indivíduos, associando suas identidades à transmissão do HIV e ao uso de drogas, práticas que, naquele contexto, carregavam um peso de criminalização moral e social. Ao passo que a reportagem enfatiza a heterossexualidade do casal, um desvio sutil da predominante associação entre AIDS e a comunidade LGBT, ela ainda assim reforça a ligação entre o vírus e comportamentos tidos como desviantes, evidenciando como o estigma social permeava diferentes camadas da sociedade e como a mídia moldava essa percepção.

As manifestações de estigma e preconceito em relação à "Gangue da AIDS" foram profundas e multifacetadas, revelando as complexidades e desafios

enfrentados pelas pessoas vivendo com HIV/AIDS durante aquele período. Primeiramente, os membros do grupo foram retratados não apenas como portadores do vírus, mas como criminosos e disseminadores intencionais da doença. Essa narrativa contribuiu significativamente para aumentar o medo e a hostilidade em relação a eles, alimentando um clima de paranoia e desconfiança na sociedade.

Os impressos já aqui citados desempenharam um papel crucial nesse processo de estigmatização, ao sensacionalizar as histórias relacionadas à "Gangue da AIDS". A cobertura midiática muitas vezes adotava uma abordagem apelativa, focando nos aspectos mais chocantes e alarmantes da situação. Isso não apenas reforçou estereótipos negativos sobre as pessoas vivendo com HIV/AIDS, mas também contribuiu para criar um ambiente de pânico na comunidade. Arraes traz em seu trabalho intitulado "'Gangue da AIDS' ou 'pacto da morte'?: As extraordinárias histórias de casos de AIDS nas páginas de jornais de Florianópolis em 1987" uma importante reflexão sobre o tema:

*A partir do depoimento de Márcia, os jornais locais passaram, em tom sensacionalista, a fazer reportagens divulgar imagens dos protagonistas e envolvidos na trama, culminando com a descoberta de um grupo de jovens que se reunia em dois apartamentos de um edifício no bairro Trindade para transmitirem às pessoas o vírus da Aids através de seringas contaminadas mediante o uso de cocaína. Os protagonistas desta história foram os moradores dos apartamentos 821 e 841 do Edifício Helsinque, pertencentes, respectivamente, ao casal Rosângela e João Machado e a Patrícia de Oliveira Bastos. A partir do depoimento de Márcia, todos foram indiciados por acusação de transmitirem intencionalmente e deliberadamente o vírus da Aids. Então, o Inquérito Policial foi aberto, em 19 de outubro de 1987.<sup>xii</sup>*

Além disso, a falta de informações precisas e a disseminação de mitos e equívocos sobre o HIV/AIDS também alimentaram o estigma e o preconceito em relação à "Gangue da AIDS". A ignorância sobre os modos de transmissão do vírus e as medidas preventivas adequadas levou a uma demonização dos membros do grupo, que foram vistos como uma ameaça iminente à saúde pública.

*A ideia de que a AIDS vem castigar comportamentos divergentes e a de que ela ameaça os inocentes não se contradizem em absoluto. Tal é o poder, a eficácia extraordinária da metáfora da peste: ela permite que uma doença seja encarada ao mesmo tempo como um castigo merecido por um grupo de "outros" vulneráveis e como uma doença que potencialmente ameaça a todos.<sup>xiii</sup>*

Outro aspecto importante a considerar é como a estigmatização da "Gangue da AIDS" foi amplificada por atitudes discriminatórias enraizadas na sociedade em relação à sexualidade, gênero, geração e estilo de vida. A associação entre HIV/AIDS e práticas consideradas desviantes ou não normativas, como o uso de drogas injetáveis ou relações sexuais fora do padrão heteronormativo, levou a uma dupla marginalização dos membros do grupo, que enfrentaram não apenas a estigmatização da doença, mas também a discriminação por suas identidades e escolhas de vida.

Na opção por designar o grupo como "gang", ficava implícita a suspeita que pairava sobre os envolvidos também em termos geracionais. A acepção de juventude mobilizada era a de um grupo que, nas práticas adotadas, asseveravam a irresponsabilidade inerente à sua fase da vida. Para Andrade<sup>xiv</sup>, a gang é "um tipo de sociabilidade juvenil que se dá no contexto da cultura de rua e que se desenvolve no quadro de grupos [assim] genericamente designados", tendo como características essenciais "o uso da violência e de outras práticas ilícitas". É relevante destacar que à diferença dos estudos clássicos sobre gangs juvenis

norte-americanas – que surgem como uma resposta dos jovens das classes desfavorecidas, com dificuldades de integração à sociedade ampla – no caso da “Gang da AIDS” o conceito parece ter sido adotado unicamente com a finalidade de provocar medo e insegurança. Esta produção de subjetividade foi lograda na interlocução entre a epidemia de HIV/AIDS, que concentrou os medos sociais no período, a contra conduta oriunda da marginalização social da juventude e a suspeição que pairava sobre as sexualidades dissidentes, neste caso, especialmente a comunidade LGBTQIAPN+.

O caso da “Gangue da AIDS” não apenas evidenciou uma discriminação social de diferentes ordens, mas também desencadeou um padrão de controle e perseguição que impactou profundamente a vida dos envolvidos. As autoridades policiais adotaram medidas draconianas de vigilância em locais frequentados pelos jovens acusados, como boates e espaços de socialização, intensificando a pressão sobre eles e sobre toda a comunidade que frequentava esses ambientes. Essas medidas incluíram a imposição obrigatória de testes de HIV, criando um clima de suspeita generalizada e violando os direitos individuais à privacidade e à integridade física.

*A terceira parte é marcada pela atuação policial frente ao caso, que buscava como prova para incriminar o grupo o teste de HIV de Márcia. Se positivo, acreditava a polícia, teria meios legais para comprovar a veracidade das acusações feitas pela garota e confirmaria a intenção do grupo em disseminar o vírus da Aids, propositalmente. Este critério estava pautado no enquadramento do trio no artigo 131, do Código Penal Brasileiro, que diz: “Perigo de contágio de moléstia grave”. Uma das formas de incriminar o grupo se firmou na confirmação de que outros envolvidos estivessem contaminados pelo vírus da Aids.<sup>xv</sup>*

A associação de qualquer incidente ou desordem na cidade com a chamada “Gangue da AIDS” contribuiu para reforçar a marginalização e o estigma

em torno do grupo. Essa narrativa foi intensificada pelas reportagens que frequentemente relacionavam o morro do Mocotó a questões de criminalidade e saúde pública, como apontado na cobertura midiática da época. A polícia também tentou criminalizar o grupo, utilizando o termo "aidético" de forma pejorativa, o que reforçava a ideia de que o portador do HIV/AIDS era automaticamente culpado. Essa constante associação entre doença e criminalidade consolidou uma percepção pública negativa, como observa Rosana Soares (2001)<sup>xvi</sup>, onde o jornalismo, ao repetir esses estigmas, criava uma referência permanente sobre o grupo, tornando a exclusão social uma realidade cotidiana.

O comportamento perigoso que produz a AIDS é encarado como algo mais do que fraqueza. É irresponsabilidade, delinquência o doente é viciado em substâncias ilegais, ou sua sexualidade é considerada divergente.<sup>xvii</sup>

A perseguição resultante do caso da "Gangue da AIDS" gerou impactos psicológicos e emocionais profundos, não apenas nos indivíduos envolvidos, mas na comunidade como um todo. O ambiente de medo, desconfiança e ansiedade se instaurou, provocando divisões sociais acentuadas. Os jovens rotulados como membros da gangue não apenas enfrentaram o estigma público, mas também sofreram violência simbólica e física, o que os levou a uma marginalização intensa em várias esferas da vida social. Essa dinâmica é corroborada por pesquisas anteriores, como as de Iwersen, médico psiquiatra fundador do GAPA entrevistado na pesquisa de Moraes (2009)<sup>xviii</sup>, as quais apontam que, embora o tratamento tenha diminuído o medo relacionado ao HIV/AIDS, a percepção de risco e os desafios emocionais persistem, especialmente para aqueles que são alvo de preconceito e discriminação. Assim, a abordagem do HIV/AIDS na sociedade contemporânea, que muitas vezes negligencia sua gravidade em favor de outras

doenças mais visíveis, reflete um cenário de estigmatização e exclusão que requer atenção e discussão contínuas.

Esse padrão de controle social e perseguição revela não apenas as dimensões do estigma e do preconceito ligados ao HIV/AIDS, mas também as falhas e abusos no sistema de justiça e nas políticas de saúde pública da época. A resposta repressiva e discriminatória a esse caso exemplifica os desafios enfrentados pelas pessoas vivendo com HIV/AIDS no contexto de uma sociedade que ainda não compreendia plenamente a doença e que reagia com base no medo, na ignorância e na discriminação.

### **Repercussões e reflexões: um diferente impacto social**

A manchete que aborda questões relacionadas ao tráfico de drogas, embora não mencione diretamente a comunidade LGBTQIAPN+, falha em dismantelar o estigma persistente em torno do HIV/AIDS. Um exemplo significativo disso pode ser observado em uma entrevista com a atriz Cláudia Alencar, publicada em *O Pasquim* em 1987. Quando questionada sobre seu medo da AIDS, Cláudia respondeu: "Pra caralho. Mas, como eu nunca transei com homossexual, já me dá um certo alívio"<sup>xix</sup>. Essa declaração ilustra não apenas a ignorância comum da época, mas também a errônea associação entre a doença e determinados grupos sociais. Essa mesma dinâmica pode ser vista em outras publicações, como na revista *VEJA*. Contudo, é crucial reconhecer a diferença entre a análise local, como a de Florianópolis, e as discussões em âmbito nacional, evidenciadas por fontes distintas. A relação entre essas questões exige uma reflexão mais aprofundada sobre como o estigma se manifesta em diferentes contextos e meios de comunicação. Lui pontua em sua pesquisa que:

*Na edição de 14 de junho de 1989, uma reportagem trazia informações sobre um congresso internacional sobre AIDS. Mesmo tendo aumentado os conhecimentos sobre a doença,*

*investimentos, testes com medicamentos, a cura é apontada pela revista como algo ainda longínquo. Passada quase uma década desde a primeira aparição de AIDS no NY Times, e depois de passar por nomenclaturas como peste gay, a doença ainda era retratada como O Mal, mesmo sabendo as formas de transmissão do vírus ainda era vinculado à homossexualidade.<sup>xx</sup>*

Embora já houvesse evidências da transmissão do HIV/AIDS por outras vias, o pânico generalizado em torno da doença superou as informações científicas disponíveis. A forma como as autoridades lidaram com o caso da "Gangue da AIDS" em Florianópolis ilustra essa falta de compreensão e empatia. O jornal *O Estado*, ao relatar o caso, destacou a perplexidade das autoridades diante da situação, evidenciando a falta de recursos e protocolos claros para lidar com a doença.

As medidas extremas adotadas, como o isolamento e a criminalização, refletiram a falta de preparo das instituições para lidar com uma doença nova e complexa. A historiadora Graziela Arraes ressalta que esse episódio não apenas expôs as deficiências do sistema de saúde em lidar com o HIV/AIDS, mas também trouxe à tona questões mais amplas sobre saúde pública e direitos individuais.

O caso da "Gangue da AIDS" em Florianópolis não só revela os desafios enfrentados pelas pessoas afetadas pela doença, mas também destaca a urgência de combater o estigma e o preconceito arraigados na sociedade. Uma análise mais profunda das narrativas midiáticas da época, acessíveis na Hemeroteca Nacional, pode lançar luz sobre como esses estigmas foram perpetuados e como podem ser desafiados para promover uma compreensão mais empática e precisa do HIV/AIDS e das comunidades afetadas por ele.

## Considerações

O estudo de caso da "Gangue da AIDS" em Florianópolis, em 1987, ilustra de forma vívida como o estigma e o preconceito foram manifestados e perpetuados durante a epidemia de AIDS. Esses eventos históricos destacam a importância contínua de combater o estigma, promover a inclusão e garantir o acesso equitativo ao tratamento e apoio para todas as pessoas afetadas pela AIDS.

O caso da "Gangue da AIDS" não apenas revelou um intenso estigma e discriminação social, mas também desencadeou um padrão de controle social e perseguição que impactou profundamente a vida dos envolvidos. As autoridades policiais adotaram medidas draconianas de vigilância em locais frequentados pelos jovens acusados, como boates e espaços de socialização, intensificando a pressão sobre eles e sobre toda a comunidade que frequentava esses ambientes. Tais medidas incluíram a imposição obrigatória de testes de HIV, criando um clima de suspeita generalizada e violando os direitos individuais à privacidade e à integridade física.

Ao analisar a forma como a "Gangue da AIDS" foi estigmatizada e discriminada, torna-se evidente a urgência de abordar não apenas as questões relacionadas à saúde, mas também os aspectos sociais, culturais e políticos que perpetuam o estigma e o preconceito em relação ao HIV/AIDS e às comunidades afetadas por ele. Na construção do estigma, pesou ainda o elemento geracional, uma vez que o conceito de "gangs" remetia, naquele contexto, às culturas juvenis. Sob estes pesou, nos discursos analisados, a suspeição de uma idade da vida considerada irresponsável, corroborando a periculosidade do grupo e de suas ações.

Portanto, é fundamental promover a educação, a conscientização e a inclusão para combater efetivamente o estigma e o preconceito associados à AIDS. Isso requer ações coordenadas em níveis individuais, comunitários e

governamentais, visando a construção de uma sociedade mais justa, informada e solidária para todas as pessoas, independentemente de sua condição de saúde. A história da "Gangue da AIDS" nos lembra da necessidade de não apenas tratar a doença, mas também enfrentar os desafios sociais e estruturais que a cercam, buscando uma abordagem abrangente e humanitária para lidar com essa complexa realidade.

## Notas

<sup>i</sup> TIEMI, Raquel. Relatório da ONU aponta que pandemia da AIDS pode acabar até 2030. **Jornal da USP**, São Paulo, 04 ago. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=666983>.

<sup>ii</sup> MARKUN, Paulo. **O Pasquim**. O Pasquim, São Paulo, 1987.

<sup>iii</sup> FERNANDES, Ítalo; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Revisão sistematizada da literatura científica nacional acerca da história do HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 32, n. 1, 2021. p. 62. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/916](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/916). Acesso em: 30/06/2023.

<sup>iv</sup> CERQUETANI, Samantha. Tratamento do HIV evoluiu muito em 40 anos, mas ainda há espaço para mais. **UOL VivaBem**, 08 set. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/08/tratamento-do-hiv-evoluiu-muito-em-40-anos-mas-ainda-ha-espaco-para-mais.htm>. Acesso em: 05 maio 2024.

<sup>v</sup> SOARES, P. D. S.; BRANDÃO, E. R. **Não retorno de usuários a um centro de testagem e aconselhamento do estado do Rio de Janeiro: fatores estruturais e subjetivos**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 703–721, 2013.

<sup>vi</sup> SAMPAIO, Letícia Maria Camillo. **A formação do Programa Nacional de DST/AIDS no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2018, p. 22.

<sup>vii</sup> AMORIM, Grazielle Regina de. **Outsiders do bairro Trindade: “Pacto da morte” ou “Gangue da Aids”? Para além da construção de um episódio (Florianópolis 1987)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

<sup>viii</sup> VILLARINHO, Mariana Vieira; PADILHA, Maria Itayra. Sentimentos relatados pelos trabalhadores da saúde frente à epidemia da AIDS (1986–2006). **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 25, n. 1, s. p., 2016. Disponível em: [TEXTO & CONTEXTO](https://doi.org/10.1590/texto.v25n1p1-10). Acesso em: 19/10/2023.

<sup>ix</sup> AMORIM, Grazielle Regina de. **Outsiders do bairro Trindade: “Pacto da morte” ou “Gangue da Aids”? Para além da construção de um episódio (Florianópolis 1987)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

<sup>x</sup> Correio de Notícias, 1987, p. 6.

<sup>xi</sup> AMORIM, Op. cit., 2009.

<sup>xii</sup> ARRAES, Grazielle Regina. "Gangue da Aids" ou "pacto da morte?": As extraordinárias histórias de casos de AIDS nas páginas de jornais de Florianópolis em 1987. In: **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto, 31 de maio a 1º de junho de 2013. Ouro Preto/MG, 2013. S./p. Disponível em: [\[PDF\] Título: Gangue da Aids ou pacto da morte?: As extraordinárias histórias de casos de AIDS nas páginas de jornais de Florianópolis em - Free Download PDF](#). Acesso em: 21/09/2024.

<sup>xiii</sup> SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 76.

<sup>xiv</sup> ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre Gangs e Galeras**: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, 2007, p. 9.

<sup>xv</sup> ARRAES, Op. cit., 2013, p. 6.

<sup>xvi</sup> SOARES, Rosana de Lima. **Imagens Veladas: AIDS, imprensa e linguagem**. AnnaBlume. São Paulo, 2001.

<sup>xvii</sup> SONTAG, Op. cit., 1989, p. 31.

<sup>xviii</sup> MORAES, Op. cit., 2009.

<sup>xix</sup> O Pasquim, 1987, n. p.

<sup>xx</sup> LUI, Lizandro. **O HIV/AIDS na revista VEJA na década de 1980**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2013, p. 46.

## Referências

AMORIM, Grazielle Regina de. **Outsiders do bairro Trindade: "Pacto da morte" ou "Gangue da Aids"? Para além da construção de um episódio (Florianópolis 1987)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

ANDRADE, Carla Coelho de. **Entre Gangs e Galeras**: juventude, violência e sociabilidade na periferia do Distrito Federal. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, 2007.

ARRAES, Grazielle Regina. "Gangue da Aids" ou "pacto da morte?": As extraordinárias histórias de casos de AIDS nas páginas de jornais de Florianópolis em 1987. In: **Anais do 9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Ouro Preto, 31 de maio a 1º de junho de 2013. Ouro Preto/MG, 2013. S./p. Disponível em: [\[PDF\] Título: Gangue da Aids ou pacto da morte?: As extraordinárias histórias de casos de AIDS nas páginas de jornais de Florianópolis em - Free Download PDF](#). Acesso em: 21/09/2024.

CERQUETANI, Samantha. Tratamento do HIV evoluiu muito em 40 anos, mas ainda há espaço para mais. **UOL VivaBem**, 08 set. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2021/09/08/tratamento-do->

---

[hiv-evoluiu-muito-em-40-anos-mas-ainda-ha-espaco-para-mais.htm](#). Acesso em: 05 maio 2024.

DANIEL, Herbert; PARKER, Richard. **AIDS: a terceira epidemia**. São Paulo: Iglu Editora, 1991.

FERNANDES, Ítalo; BRUNS, Maria Alves de Toledo. Revisão sistematizada da literatura científica nacional acerca da história do HIV/AIDS. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 32, n. 1, 2021. Disponível em: [https://www.rbsh.org.br/revista\\_sbrash/article/view/916](https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/916). Acesso em: 30/06/2023.

LUI, Lizandro. **O HIV/AIDS na revista VEJA na década de 1980**. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Sociais). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2013.

MARKUN, Paulo. **O Pasquim**. O Pasquim, São Paulo, 1987.

NEVES, Claudinéa Lacerda da Rosa; AMORIM, Wellington Mendonça de; MORAES, Nilson Alves de; LEITE, Joséte Luzia. Os cuidados de enfermagem ao cliente com HIV/AIDS em um hospital universitário na década de 1980. **Rev. Pesqui.** (Univ. Fed. Estado Rio J., Online), v. 1, n.2, set./dez. 2009. Disponível em: <https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/view/409>. Acesso em: 20 nov. 2023.

PRADO, Rogério Ruscito do; CASTILHO, Euclides Ayres de. A epidemia de AIDS no Estado de São Paulo: uma aplicação do modelo espaço-temporal bayesiano completo. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, v. 42, n. 5, p. 537–542, set. 2009. Disponível em: [SciELO – Brasil – A epidemia de aids no Estado de São Paulo: uma aplicação do modelo espaço-temporal bayesiano completo A epidemia de aids no Estado de São Paulo: uma aplicação do modelo espaço-temporal bayesiano completo](#). Acesso em: 23/03/2023.

SAMPAIO, Letícia Maria Camillo. **A formação do Programa Nacional de DST/AIDS no Brasil**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2018.

SONTAG, Susan. **AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SONTAG, Susan. **Doença como metáfora e AIDS e suas metáforas**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

---

SOARES, P. D. S.; BRANDÃO, E. R. **Não retorno de usuários a um centro de testagem e aconselhamento do estado do Rio de Janeiro: fatores estruturais e subjetivos.**

Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 23, n. 3, p. 703-721, 2013.

SOARES, Rosana de Lima. **Imagens Veladas: AIDS, imprensa e linguagem.** AnnaBlume. São Paulo, 2001.

Aqui está a referência com o título da revista em negrito:

VILLARINHO, Mariana Vieira; PADILHA, Maria Itayra. Sentimentos relatados pelos trabalhadores da saúde frente à epidemia da AIDS (1986-2006). **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 25, n. 1, s. p., 2016. Disponível em: [TEXTO & CONTEXTO](#). Acesso em: 19/10/2023.

ONUSIDA. **Materiais de boas práticas da ONUSIDA: O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/SIDA.** Genebra: ONUSIDA, s.d. Disponível em: <http://www.unaids.org>.

*Submetido: 15/03/2024*

*Aprovado: 30/08/2024*

*Publicado: 12/11/2024*